

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

**Universidades Lusíada**

Matos, João Norton de

**Arquitectura : passado, presente e futuro :  
resposta**

<http://hdl.handle.net/11067/5869>

<https://doi.org/10.34628/r6xr-3531>

**Metadata**

**Issue Date** 2021

**Type** bookPart

This page was automatically generated in 2022-01-25T13:40:21Z with information provided by the Repository

## JOÃO NORTON DE MATOS





1. A Arquitectura que deu a forma à sociedade como a conhecemos, como irá transitar de uma idade analógica de 3 000 anos de história, para uma sociedade acelerada dita digital, desformatada, desfuncional, disruptiva? e para que servirá?

A arquitetura dá forma à sociedade e a sociedade dá forma à arquitetura. Sabemos, no entanto, que a forma é sempre o lugar de um conteúdo que abre uma possibilidade hermenêutica e um horizonte espiritual, que a criatividade que um sujeito nela enuncia. Situamo-nos especificamente nesse campo do significado espiritual das formas culturais, para abordar a problemática da arquitetura na fronteira dos mundos analógico e digital. Situamos assim a arquitetura como função cultural, entre outras, com uma responsabilidade partilhada na modelação da sociedade, embora, pela sua sensibilidade e transversalidade a outras funções culturais, à técnica, à economia, à demografia, à sociologia, e pela sua pertença ao registo poético e simbólico das formas, nela se expresse com uma particular pertinência o modo de ser ou substância espiritual de uma sociedade ou civilização.

Neste contexto duma hermenêutica da cultura, o paradigma digital é um produto da criatividade humana e duma revolução técnica nesta modernidade tardia em que nos é dado viver, onde a racionalidade científica e tecnocrática surgem como tendência dominante, acentuada pelo suporte de um mercado global de tonalidade materialista. Contudo, numa sociedade complexa e contraditória, esta dominância enfrenta-se a contracorrentes humanísticas, não raro protagonizadas pelas artes, pela arquitetura erudita, ou por outros movimentos e posturas críticas do estilo de vida globalizado. As revoluções técnicas, embora extremamente proveitosas, sempre foram disfuncionais e disruptivas, sendo a revolução digi-

tal, na perspectiva que dela temos no presente, acrescida de um carácter exclusivo relativamente à totalidade do composto humano, privilegiando o universo mental sobre o corpo, a informação quantitativa sobre as qualidades sensoriais analógicas, a aceleração inóspita aos ritmos da natureza e do humano, um registo emocional e afetivo com raízes pouco profundas. Assim, ou assumimos a passagem a uma sociedade pós-humana para a qual a arquitetura não fará sentido, ou nos questionamos radicalmente acerca dos recursos de uma conta-corrente, integradora, mas não submissa à ciência-tecnologia, e fundamentalmente orientada para a humanidade do humano, contra-corrente ativa diante das contrariedades, que ao longo dos seus 30.000 anos da sua história com frequência superou. Não se trata, portanto, de assumir a fatalidade duma morte da arquitetura, mas de nos refontalizarmos nos recursos antropológicos, ecológicos e poéticos que inspiraram a melhor arquitetura de todos os tempos, e hoje a podem reinventar-se face a novos desafios e inspirar as melhores arquiteturas do futuro, não sem a ferramenta digital, mas sem a ela se escravizar ou por ela se deixar formatar.

2. O corona virus, veio dar um impulso tremendo, na digitalização da sociedade e com a desmaterialização das tarefas e actos institucionais, para além das próprias instituições. Que forma, imagem, funcionalidade uma arquitetura que servirá para tudo e poderá não servir para nada de concreto, porque tudo se poderá passar por videoconferência em qualquer local? ou cada um de nós ter um avatar social, que vai por nós?

Embora a matéria da arquitetura seja em termos abstratos o espaço e o tempo, ela concretiza-os trabalhando materiais e fá-lo desde uma perspectiva qualitativa, sensorial e fenomenológica. Ela medeia a nossa abertura ao mundo como interface entre o cosmos e a interioridade, estabelecendo escalas e proporções relativas tanto ao corpo como ao espírito humano, compreendendo as vivências subjetivas e partilhadas nisto implicadas.

Neste sentido, as formas da arquitetura são sínteses espirituais

que unificam a opacidade do ser, na impenetrabilidade última tanto da matéria como da existência, com a claridade do pensar. A síntese dá-se nas vertentes correlativas da imaginação e do desenho, como o pensar da matéria e o pensar duma existência geográfica e culturalmente situada, delineada como imagem do mundo, da cidade ou da casa, por empatia, explorando imagens de si, construindo a auto-compreensão e identidade pessoal e coletiva. A arquitetura tem uma função, cumpre as funcionalidades do viver, desde a ergonomia das posturas e gestos à taxonomia da memória e do desejo, passando pela complexa organicidade de um hospital, de um aeroporto. Na mais humilde das funções vê-se a sua qualidade humana. Uma escada não é um espetáculo fotogénico, mas um percurso assistido, no qual se inscreve um ritmo, uma pausa, a cordialidade dum corrimão que nos dá a mão. Mais profundamente enraizada no mistério da vida, e duma não menos exigente humildade, é a função poética e simbólica. Ela responde, com a própria linguagem da arquitetura, àquilo que ultimamente mais nos diz respeito, enquanto seres humanos. Isto é, que mais nos respeita, ocupa e dignifica enquanto pessoas e comunidades, se não somos autómatos de uma Metrópolis anónima. É neste contexto que situamos a desmaterialização das relações, dos fóruns e instituições com que se anuncia a idade digital e a transferência da arquitetura, como metáfora, para a linguagem da programação e para a abstração dos espaços virtuais, tanto no projeto de arquitetura como na conceção dos modos de encontro, no trabalho, na família, na fruição cultural. Praças, jardins, salas de concertos, ou écrans e *headphones*. A problemática pede um recuo, uma consideração antropológica pela qual, não só temos corpo, mas somos corpo. Se num processo de hominização fomos conquistando o espaço da mente agora é a tecnologia do digital que tem de integrar o facto de sermos corpo, vivido, pensante e sentido, partilhamos tanto uma noosfera como o corpo do mundo. E se nas cartografias do mundo mental nos fomos esquecendo que somos terra, lugares com coordenadas próprias, climas e etnografias, paisagens, e histórias, este dualismo pendular mente-corpo, mesmo no momento grego do equilíbrio perfeito, é, no entanto, incompleto para dizer o humano. Completa-o a inspi-

ração hebraica e cristã do sopro de vida, a auto-transcendências de todos os nossos níveis de ser num dinamismo aberto. A intuição de um excesso de sentido como uma fenda na finitude e na escassez de sentido, que é o epicentro da problemática duma arquitetura de origem digital, autoprocessada pela máquina mental, e não pensada, sem experiência do corpo e do espírito. A fenda é pelo contrário a intuição poética das obras do espírito, a orientação do fazer qualitativo que é o fazer-se humano, na humanização do habitat segundo as suas coordenadas antropológicas imanentes e a reinterpretção profunda do sentido do real, da sua dinâmica de auto-superação inspirada que é o conteúdo das formas vivas da arquitetura. Com ou sem vírus impulsionando a arquitetura e a realidade digital, impõe-se uma receção crítica, um discernimento concreto que contrarie a autossuficiência por ela frequentemente protagonizada, mais ainda numa fase inicial de afirmação auto-centrada.

3. As religiões presentes na nossa sociedade fundaram-se, desenvolveram-se e consolidaram-se na humana idade e na via analógica, do encontro e do ato coletivo. como vão poder existir numa sociedade digital, na tecnológica idade, eventualmente sem o sentido do encontro da comunidade. a religião pode ser digital?

O mundo das religiões é muito vasto, não espanta que a fenomenologia do sagrado no seu espectro caleidoscópico se adapte também ao mundo digital, associada ao poder das imagens que partilham ou propagam o seu caráter *tremendum et fascinans*, também *online*. Mas para além dum sagrado selvagem, dum gnosticismo idealista ou dum misticismo volátil, a questão aplica-se de facto às religiões na sociedade ocidental. O tema tem sido discutido entre nós, em particular no contexto cristão, onde o período de isolamento social causado pela pandemia introduziu à experiência das liturgias em *streaming*. De algum modo se vinham transmitindo missas pela televisão para a participação, dentro do possível, ainda que diminuída, de pessoas idosas e doentes impedidas de se deslocar. O que não dispensa, uma visita domiciliária complementar para a

distribuição do pão da comunhão, de novo brevemente ritualizada. A generalização da celebração da fé por *streaming*, ainda que temporária, contorna, no entanto, alguns dos seus pressupostos fundamentais, ainda que estas celebrações não deixem de ter procura e de oferecer um sentido válido, pelo menos para atravessar os rigores do isolamento, através da imagem e da palavra, ou pela memória de uma experiência passada ainda ativa, interiormente revisitada. Mas a lição a tirar é que o regresso ao “normal” não passa por um regresso ao mesmo, mas por uma revisão e reforço das práticas de participação presencial, do todo corporal da pessoa e da comunidade, da autenticidade da arte e da arquitetura, da espessura material da simbólica sacramental, tantas vezes sucedânea e anoréxica, de que as velas elétricas são apenas um exemplo paradigmático. Algo importante se desvanece e nos diz que a sinestesia analógica não é simplesmente substituível.

Apesar de algumas distorções moralistas, dualistas, ou espiritualistas do cristianismo, o *kerygma* ou o Credo, afirmações sintéticas da fé cristã, de cariz bíblico, teológico e oficial, reconhecem-se como Encontro com outro, nas antípodas do solipsismo, encontro mediado, portanto, pelo corpo pessoal, comunitário, e até cultural e cósmico, como condição mesma da sua possibilidade. Também a celebração da fé cristã, na perspetiva antropológica de participação ritual, vive do encontro, da proclamação que é voz ou palavra encarnada, e da refeição elementar na força e na alegria do pão e do vinho, elevados à significação atual de corpo e sangue, morte e ressurreição. O ritual implica todos os sentidos, gera um corpo real e como vimos multidimensional e pluri-semântico. A este regime de mediações simbólicas chamamos o carácter sacramental da religião, no qual aliás, a arquitetura tem, a muitos títulos, um papel fundamental. De algum modo, a religião cristã não sobrevive ao desaparecimento do regime sacramental da celebração, que é para ela uma teologia em ato, uma ação profética e mística referida ao mistério do mundo e à possibilidade de o vivenciar no corpo e no espírito, não um misticismo desencarnado. A religião tem dimensões que o mundo digital potencia, mas não permite a sua absolutização. Pode o regime sacramental sobreviver à sua deslocação, não



parcial, mas total, para o digital? Só quando já não formos corpo, não precisarmos corporal e espiritualmente da arquitetura, nem de nos abraçarmos, nem de cantar juntos, nem de nos alimentarmos. A tensão escatológica entre o destino da condição humana e o presente vivido, apontado pela religião cristã, não descarta a realidade corporal, nem sequer a material, antes afirma a sua transfiguração segundo o significado e a realidade mais profunda de ser mediação da relação, porque enquanto corpo espiritual e espírito corporizado, somos fundamentalmente relação.

4. O que se aprendeu com os 30 séculos de produção arquitectónica, que constituem a memória construída, tanto da sociedade como das instituições? Podem legitimar o presente e ambicionar o futuro? o que se irá exigir aos arquitectos? como poderá ser a arquitectura do sagrado?

Não sei se o que se aprendeu em 30 séculos de arquitetura é teorizável no seu todo. Aprendemos através da arquitetura de qualidade o que é a arquitetura de qualidade na enorme diversidade das suas condições de produção, aprendemos o amor e a dedicação que estão na sua origem, amor à arte indissociável do amor à vida, ao humano, e a tudo o que os dignifica, da beleza dos materiais à harmonia das proporções, o perscrutar das musicalidades da imanência e dos silêncios da intemporalidade. Temos um atlas de boas práticas populares e eruditas que nos acompanham, inspiram e servem na hora de legitimar o presente e lhes dar continuidade. E também com os erros se aprende. O método fenomenológico aplicado à arquitetura não nos ensina apenas a ver, no exercício dum olhar descritivo e despojado, mas também a reconhecer em certas invariantes materiais, as poéticas, a substância humana e espiritual dos clássicos. É na correlação entre a reflexão acerca daquilo que ultimamente mais diz respeito aos arquitetos e a história das suas realizações concretas, que se abrem as orientações do bem fazer, que se preparam as disposições para as particularidades dos novos desafios. Um bom edifício nunca é um caso particular dum estilo ou duma escola, mas uma singularidade atravessada por uma intuição

maior que si mesma, e a ela obediente. Hoje, mais que nunca, conseguida contra os ventos contrários da tecnocracia desumanizadora.

A arquitetura do sagrado obedece ao mesmo esquema sacramental pelo qual esta não devia existir (!) pelo simples facto de que todo o habitar é sagrado, mas é necessário que exista (!), para que dada as circunstâncias do esquecimento desta verdade fundamental tenhamos edifícios, ritos e refeições para nos lembrar o caráter sagrado de todo o habitar, de toda refeição, das liturgias do nosso quotidiano no seu conjunto. A arquitetura cristã, em particular, começa por acolher uma comunidade, dar lugar um espaço e uma coreografia ritual e sintonizar de forma sinestética com o espírito que dela imana. Consideramos, por um lado, as qualidades atmosféricas da luz e do mistério pelas quais a arquitetura qualifica os seus espaços e significa a sua função religiosa de abertura, de elevação de transcendência, tão conseguidas no passado e por vezes no presente. Neste aspeto os desafios do digital à arquitetura do sagrado são os mesmos que se põem à qualidade da arquitetura, pois só essa qualidade, e não apenas os adereços confessionais ou identitários, é capaz de dizer a profundidade sagrada da imanência e a abertura da matéria à luz.

Por outro lado, consideramos a sua adequação à função ritual a que se destina. Neste segundo aspeto, porque mais específico, ainda que também no primeiro, embora mais universal, a forma e os espaços das igrejas-edifício correspondem às imagens de Igreja-comunidade-instituição que lhes dão origem. As primeiras igrejas, as grandes basílicas constantinianas e as igrejas de Trento diferem entre si quanto à ideia que a elas preside, e diferem também em relação à grande reforma levada a cabo, no século XX, pelo Concílio Vaticano II. Ainda que com linguagens arquitetónicas atualizadas, outras vezes apenas com cosméticas refrescadas, as celebrações cristãs vestem hoje, com raras exceções, roupagens espaciais que já não lhes servem. É assim urgente a atualização do espaço à renovada funcionalidade litúrgica, cujos pormenores não cabe aqui desenvolver, mas donde provém a identidade, tão forte quanto discreta, da epifania do mistério cristão, isto é, a emergência da sua atualidade, estética, significativa e espiritual.